



IGREJA Viva



ENTREVISTA

"A RELAÇÃO DO CASAL É A BASE"

ELISABETE E PAULO COUTINHO
PASTORAL FAMILIAR

P. 04-05

OPINIÃO

“Ensaio sobre a cegueira”

**CARLA RODRIGUES**

ADVOGADA

O que é que fazemos quando alguém cai à nossa frente? Ignoramos? Contornamos a pessoa e seguimos o nosso caminho? Atiramos a responsabilidade de fazer algo para outra pessoa? Prestamos ajuda? Chamamos uma ambulância? O que é que fazemos quando nos deparamos com um corpo caído no passeio? Há poucas semanas recebemos a notícia que um homem morreu congelado, numa das ruas mais movimentadas de Paris. René Robert, fotógrafo, com 84 anos, caiu na rua, aparentemente desmaiado, numa noite fria de janeiro. Passou a noite no chão, caído, com inúmeras pessoas a passarem para lá e para cá, mas sem que ninguém parasse e despendesse dois minutos do seu tempo a socorrê-lo, sem que ninguém chamasse uma ambulância, quicá sem que ninguém se apercebesse que estava uma pessoa tombada no chão. Durante 9 horas ninguém o socorreu naquela que é conhecida como a cidade do amor, acabando por morrer de hipotermia.

Passar pelas ruas mais movimentadas de Paris é perceber que há todo um dormitório a céu aberto. Cobertores, caixotes, casacos grossos, sacos com roupas, tudo fica encostado às paredes dos prédios durante o dia, para começarem a ser dispostos no chão mal o sol ameaça desaparecer. Quem já percorreu as ruas de Paris sabe o quanto custa ver famílias inteiras a dormirem nos passeios. Crianças, adultos, idosos. Saudáveis, doentes. São muitas, muitas pessoas, sem um tecto, sem uma cama, sem uma mesa para fazerem as refeições, sem um abrigo. Famílias a viverem nas ruas, ao frio, à chuva, tendo a lua por companhia.

Terá René Robert sido confundido com um sem-abrigo? Se sim, será este o tratamento que dão aos sem-abrigo? Não podemos acreditar nesta possibilidade, é ruim de mais. Não se trata de alguém deitado no chão, encostado a um prédio ou a um vão de escadas, coberto com mantas ou cobertores, realidade já por si bastante dolorosa de assistir. Não foi isto que aconteceu. Alguém caiu no chão, provavelmente desamparado, e aí ficou durante 9 horas.

Esta indiferença social trouxe-me à memória o romance de José Saramago, “Ensaio Sobre a Cegueira”. Não se trata de cegueira enquanto doença de origem biológica, nem cegueira enquanto castigo divino. Retrata a cegueira que tem origem no egoísmo, na falta de esperança, na falta de humanidade e solidariedade. A história começa com um motorista que de um momento para o outro fica cego. Rapidamente a cegueira estende-se a toda a população, com excepção da mulher do médico. As pessoas ficam sozinhas, abandonadas à sua sorte, num atropelo feroz como se de uma selva se tratasse. Para Saramago: “Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é necessário termos coragem para o reconhecer”.

Foi um sem-abrigo, que percorria as ruas da capital francesa, que viu, parou e prestou socorro a René, chamando a ambulância. De todas as pessoas que passaram naquela rua, provavelmente aquela que era a mais pobre em bens materiais, a mais carente, a mais necessitada de ajuda, é que parou e percebeu que estava uma pessoa prostrada, em agonia, a morrer ao frio. Foi o único que viu para além da cegueira.

OPINIÃO

Evangelização em jeito franciscano

JOSÉ DIAS DE LIMA

PADRE, FREI ORDEM DOS FRADES MENORES

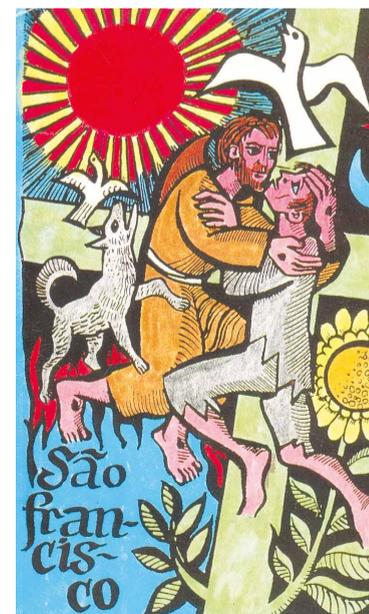
A luz das realidades existentes e do chamamento da Igreja, todo aquele que se sinta inebriado pelo perfume da espiritualidade de S. Francisco de Assis, deve encarar cada acontecimento, num mundo em rápida transformação, com a consciência de que a missão de ver o mundo com os olhos do Poverello, significa criar uma relação de fraternidade com os homens e com as criaturas, na dimensão do respeito, da tolerância e do acolhimento. Desta forma, tal como os frades de S. Francisco, também os que vestem o seu “hábito espiritual” devem confirmar a sua base evangélica, enquanto cristãos, e a adesão ao carisma franciscano, enquanto seguidores da espiritualidade do “Pobrezinho de Assis”.

Ora, neste sentido, importa tomar em nota de conta a globalização; a urbanização resultante dos movimentos migratórios das aldeias para as grandes cidades; as relações familiares ameaçadas por tensões e fracturas crescentes, por causa destas mudanças e da sociedade pluralista; o cuidado da Criação; e, agora, desde o fim de 2019, o novo coronavírus (COVID-19), que causou uma terrível pandemia, tendo tirado a vida a mais de cinco milhões de pessoas em menos de dois anos, e em Portugal já ultrapassámos os vinte mil mortos.

Pois bem, todo aquele que quiser evangelizar ao jeito de S. Francisco de Assis, não pode ficar indiferente ao risco que corre toda a humanidade, sobretudo os mais pobres, ou seja, aqueles que não têm acesso mínimo a tratamentos hospitalares, a saneamento básico, a água potável, a luz e a condições dignas de habitação. Aliás, o Papa Francisco, que tem como regra e orientação pastoral para toda a Igreja, e mesmo para o mundo, os ensinamentos do Evangelho na óptica de S. Francisco de Assis, apela a que este momento de perigo pandémico que o mundo está vivendo, “sacuda as consciências adormecidas e produza uma conversão humana e ecológica que ponha fim à idolatria do dinheiro e coloque no centro a dignidade da vida”, para que a nossa civilização tome consciência que tem necessidade de uma mudança, enferma que está de uma competição individualista, com seus frenéticos ritmos de produção e de consumo, os seus luxos excessivos e os desmesurados proveitos para poucos, no dizer do Papa Francisco.

É por aqui que passa a dimensão de uma nova evangelização, em jeito franciscano que todo o franciscanólogo, (de hábito ou sem ele, de profissão, ou sem ela, de votos ou sem votos, como frade ou freira de vida comunitária, ou como pai ou mãe de família, no recôndito do seu lar, nas ruas ou nas praças), deve desenvolver, onde quer que seja desafiado a intervir, pela palavra ou pela acção, contribuindo para tornar a sociedade mais humana, mais fraterna e mais solidária. E assim se torna também promotor da cultura do respeito, do perdão, da solidariedade, da justiça de Deus, da vida humana e da criação, valores que Francisco de Assis bebeu do Evangelho, e que soube viver na primeira pessoa. Isto implica que a cultura do encontro se torne efectiva, rezando juntos, celebrando juntos, reflectindo juntos sobre a Palavra de Deus, que respostas esta Palavra Divina dá, na situação do mundo actual, que problemas nos são comuns, e a consequente procura de soluções partilhadas.

Ora, toda esta dinâmica de vida, que faz mover o Evangelho com aquele toque tão próprio da vivência com que O interpretou e viveu S. Francisco de Assis, exige de todo o que veste de franciscanismo a sua vida, uma atitude profética, o que significa assumir uma existência que seja testemunho do amor, da misericórdia e da bondade de Deus, enfrentando abertamente as forças que ameaçam a vida, as estruturas que expulsam os mais vulneráveis da sociedade e os projectos económicos que destroem e poluem o ambiente, não tendo medo de abraçar a justiça e a causa do Evangelho, mesmo na perseguição e na calúnia, sem receio de denunciar o egoísmo dos grandes da terra e dos fartos de pão, num compromisso vivencial que se propõe derrubar muros e construir pontes.





PAPA FRANCISCO

9 DE FEVEREIRO 2022 · Não faz sentido acumular se um dia iremos morrer. O que temos de acumular é caridade, é a capacidade de partilhar, a capacidade de não ficar indiferentes diante das necessidades dos outros. #AudiênciaGeral

9 DE FEVEREIRO 2022 · Acariciar um idoso exprime a mesma esperança que acariciar uma criança, porque o início e o fim da vida são sempre um mistério, um mistério que deve ser respeitado, acompanhado, cuidado, amado.

VATICANO

Papa rejeita legalização da eutanásia

O Papa Francisco rejeitou ontem no Vaticano qualquer forma de antecipação da morte, numa crítica à eutanásia e ao suicídio assistido, pedindo que todos tenham condições para viver o final da vida “de forma mais humana”.

Na audiência pública semanal, o líder da Igreja Católica afirmou que se deve “ter o cuidado de não confundir esta ajuda com desvios inaceitáveis que levam a matar. Temos de acompanhar as pessoas até à morte, mas não provocar a morte nem ajudar qualquer forma de suicídio”.

Francisco destacou que ninguém pode evitar a morte e se deve ajudar a “morrer em paz”, sublinhando que, “depois de ter feito tudo o que era humanamente possível para curar a pessoa doente, é imoral o encarniçamento terapêutico”.

A reflexão valorizou o desenvolvimento dos cuidados paliativos, que permitem a quem vive a última parte da sua vida a possibilidade de morrer “da forma mais humana possível”.

“Saliento que o direito a cuidados e tratamentos para todos deve ser sempre uma prioridade, de modo que os mais fracos, particularmente os idosos e os doentes, nunca sejam descartados”, apontou.



OPINIÃO

Mulheres extraordinárias



PAULO AIDO
FUNDAÇÃO AIS

O que seria da Igreja sem as religiosas, as irmãs, as leigas consagradas? Não dá para imaginar como seria o mundo sem essas mulheres tão especiais que decidiram entregar as suas vidas ao serviço de Deus, ao serviço dos outros. Não dá para imaginar, mas seria, certamente, muito mais pobre, frio e injusto...

O que seria da Igreja sem as religiosas? – pergunta-nos o Papa Francisco na mensagem que nos enviou neste mês de Fevereiro, em que pede as nossas orações por todas as mulheres consagradas no mundo inteiro.

O que seria da Igreja sem elas, sem estas mulheres tão especiais e sempre tão simples, tão generosas e tão disponíveis? O Papa pergunta e responde, dizendo que não é possível sequer imaginar, não é possível compreender a Igreja sem elas. Atrevo-me a acrescentar que é impossível até compreender como seria o próprio mundo em

que vivemos sem os sorrisos, a disponibilidade, a generosidade das irmãs, vivam elas em mosteiros de reclusão ou misturadas com o povo, sejam mais activas ou mais contemplativas... Isso, pouco importa. Cada uma delas é sempre um sinal de esperança onde quer que viva, onde quer que assuma a sua missão.

Sinal de ternura, de amor

Em muitos lugares, em muitos países, em muitos fins do mundo, as mulheres consagradas são mesmo, muitas vezes, o único sinal visível de ternura, de amor, de compaixão. Nos fins do mundo que há em todos os países, chamem-se favelas, musseques ou simplesmente bairros de lata, nesses fins do mundo onde a vida apenas existe em tons de cinzento, onde os rostos estão cavados pelas lágrimas, elas, as irmãs, são a esperança de que não estará tudo perdido. Na mensagem que nos enviou neste mês de Fevereiro, o Papa Francisco recorda-nos que as religiosas, as mulheres consagradas, enfrentam todos os dias os desafios do mundo e pede-lhes para continuarem com esse trabalho junto dos mais pobres, dos marginalizados, dos que vivem nas ruas, dos escravizados pelos traficantes... O papa Francisco agradece-lhes e pede-lhes para não desanimarem, apesar de, tantas vezes, serem incompreendidas, apesar de, tantas vezes, o seu

serviço, que é tão grande, que é imenso, ser reduzido à servidão. E às vezes por homens da Igreja. Não desanimem, pede-lhes o Santo Padre.

Solidariedade invisível

Não desanimem, pedimos nós também. O apoio à vida consagrada faz parte da missão da Ajuda à Igreja que Sofre. E muito concretamente o apoio ao trabalho das irmãs. Graças a uma solidariedade tantas vezes invisível dos benfeitores da Fundação AIS em Portugal e em todo o mundo, muitas irmãs conseguem estar presentes em lugares onde mais ninguém se atreve a ir, muitas irmãs conseguem ter as suas casas de portas abertas acolhendo os que já não têm abrigo na sociedade. Graças a uma solidariedade tantas vezes invisível, é possível encontrar nos fins do mundo de hoje os sorrisos, a ternura, a generosidade sem fim de religiosas, de irmãs, de mulheres consagradas. Uma presença que faz toda a diferença. Uma em cada 35 religiosas é apoiada directamente pela Fundação AIS. Uma em cada trinta e cinco... Não dá para imaginar como seria o mundo sem as irmãs, as freiras, as monjas, todas essas mulheres extraordinárias. Não dá para imaginar, mas sabemos que, com elas, o mundo é mais acolhedor, mais justo e mais humano. Cada irmã tem esse poder maravilhoso: o de transformar vidas.



ENTREVISTA

"DEUS ABRE SEMPRE UMA PORTA"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

DIA 14, DE SÃO VALENTIM, MARCA O INÍCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DA SEMANA AMORIS LAETITIA. ORGANIZADA PELA PASTORAL FAMILIAR, A INICIATIVA CONTA COM TESTEMUNHOS DIÁRIOS ATÉ AO DIA 18, UM SERÃO DE CINEMA EM FAMÍLIA NESSE DIA, UMA ORAÇÃO DO TERÇO NO DIA 19 E A 4.ª SESSÃO DA ESCOLA DE FAMÍLIA NO DOMINGO, DIA 20.

ELISABETE E PAULO COUTINHO FORMAM UM DOS CASAIS QUE VAI DAR O SEU TESTEMUNHO. O IGREJA VIVA FALOU COM OS DOIS PARA OS CONHECER MELHOR E PERCEBER COMO INTEGRAM AS LIÇÕES DA FAMOSA EXORTAÇÃO DO PAPA FRANCISCO NO DIA-A-DIA.

[Igreja Viva] Há quanto tempo estão são casados?

[Elisabete Coutinho] Fazemos este ano 30 anos de casados, e temos três filhos, com 27, 21 e 14 anos de idade.

[Igreja Viva] A exortação *Amoris Laetitia* foi publicada há quase seis anos – por um lado, muito tempo, por outro, pouco para quem está casado há quase trinta anos. Ela trouxe algo de novo à vossa vida como casal?

[Elisabete] Por acaso nós pertencemos a uma comunidade de famílias, o Movimento Apostólico de Schoenstatt, e estávamos já desde há um tempo a ter formação sobre o sacramento do matrimónio para a nossa própria formação, que costumamos chamar de apostolado do ser – tentar viver o matrimónio com a sua essência, tentar, cada vez mais, aproximarmo-nos do modelo da Sagrada Família de Nazaré, tentar ser uma família santa e apostólica no quotidiano. Foi uma coincidência. Depois estudamos alguns capítulos para nos formarmos uns aos outros sobre a *Amoris Laetitia*, e introduzimos também alguns conteúdos nos grupos de noivos e casais jovens que, normalmente, orientávamos.

[Paulo Coutinho] Antes da pandemia... (risos)

[Elisabete] De qualquer forma, acho que o Papa Francisco e o Dicastério terão pensado que a *Amoris Laetitia* tem possibilidade de ir muito mais além, e inicialmente não terá causado o impacto que era esperado.

[Igreja Viva] Ir além da interpretação literal do que está escrito?

[Elisabete] Sim, exactamente.

[Paulo] E pô-la em prática, porque colocou muitos desafios à Pastoral Familiar, às comunidades, que se calhar não saíram do papel.

[Elisabete] E reconhecemos que alguns desafios são difíceis e que implicam um trabalho estruturado, que leva tempo. Talvez por isso se tenha lançado este Ano *Amoris Laetitia*, para que a exortação tivesse uma aplicação mais ampla e prática. Um dos objectivos era precisamente difundir conteúdo, ou seja, dar a conhecer antes de aplicar. O Ano também surgiu para fortalecer a família face à pandemia, porque foi uma circunstância que sim, trouxe algumas oportunidades para a vivência familiar, mas também trouxe muitos desafios e alterações forçadas. Alguns desses desafios agudizaram rupturas na família, levaram à destruição de casamentos.

Numa família em que, de repente, todos passem a estar em teletrabalho ou a ter aulas online, é preciso um computador para cada um e um espaço diferente para cada um. Nós vimos isso connosco, nós estávamos a dar aulas cada um no seu sítio, tínhamos dois filhos com aulas em casa, e tínhamos o meu pai connosco, que também precisava do seu espaço. Tudo isso é bastante difícil de gerir, e isso ser tudo num espaço de tempo apertado, aliado ao desconhecimento da doença, criou situações difíceis também para os jovens – os confinamentos causaram muitos danos.

[Igreja Viva] O impacto mediático que a exortação teve foi focado na questão do acesso dos divorciados recasados à Comunhão. Qual foi a parte que teve mais impacto em vocês?

[Elisabete] Para nós? O capítulo quatro, "O amor no matrimónio". Toda a exortação é uma carta de amor às famílias. É um grande dom e só podemos estar agradecidos ao Papa Francisco e à Igreja por incentivar de novo este amor a dois com Deus no meio, a redescoberta que Deus ama a família com as suas fragilidades, que o amor de Deus está presente e que

se o casal ou família o quiserem aproveitar, então terão muitos frutos.

[Paulo] Nós sempre vimos o matrimónio como a nossa vocação, como o nosso caminho de santidade, um através do outro. Toda esta riqueza que veio da exortação, e deste capítulo em particular, incentiva-nos a tornar isso mais presente e a vivê-lo de forma mais intensa em várias dimensões: na fidelidade à relação em si, estar atento às necessidades do outro mais do que às nossas próprias, pôr a felicidade do outro acima de tudo e investirmos sempre em nós próprios, na nossa formação, para que o outro se sinta sempre apaixonado por nós.

É sempre uma dinâmica que queremos manter na relação, e que é sempre desafiante face aos imperativos profissionais que temos e à falta de tempo, mas que sabemos que é o nosso caminho.

[Elisabete] É importante o alerta para a necessidade de apostar no casal. A relação do casal é a base, e com os afazeres profissionais e os filhos, muitas vezes deixa-se essa vertente do casal... Deixa-se andar. E podemos dar por nós a ter deixado passar muito tempo sem cruzar a ponte de um para o outro, sem cultivar a relação. É como num jardim, se não se cuidar, rapidamente as ervas daninhas crescem mais rápido que as outras.





Quando falta a comunicação, vão-se acumulando assuntos não falados que podem parecer, inicialmente, que não têm nenhuma importância, mas podem criar uma bola de neve que passa a ser um grande cubo de gelo.

[Elisabete Coutinho]

[Igreja Viva] A minha pergunta seguinte é exactamente sobre o capítulo que falaram. O Papa Francisco fala da renovação do compromisso ao longo da progressiva “transformação do amor” durante o matrimónio. Como é que sentem essa necessidade de renovação?

[Paulo] Olhando para trás, vendo os anos que passaram e a evolução que cada um tem, reflectimos. Eu não sou como era quando casei, e ela também não. Há um crescimento próprio, há uma série de ritmos biológicos que afectam a relação. Nós olhamos para trás e vemos como amadurecemos, como fomos enfrentando as situações e como saímos mais fortes das dificuldades. A renovação do nosso amor tem que ver com a história de vida que vamos tendo, com a forma como enfrentamos as coisas e vamos crescendo, e vemos também todos esses desafios como uma mão de Deus que nos encaminha, vemos que o amor de Deus está presente, faz-nos crescer e, apesar das dificuldades, queremos continuar juntos. Não há nenhum casal perfeito, que viva num eterno mar de rosas. Há problemas, nós temos os nossos problemas e as nossas diferenças, mas temos a certeza do caminho, por isso não fraquejamos e usamos esse amor para que se torne cada vez mais forte e resista a essas dificuldades.

[Elisabete] E confiamos a Deus essas dificuldades em oração, cada um de nós tem o seu lugar de oração em casa para confiar muitas, muitas coisas, e depois o amor de Deus resolve. Uma coisa muitas vezes é renovar as promessas matrimoniais, o que dissemos no dia do casamento. Às vezes, à noite, um começa a dizer e o outro continua. Acontece muitas vezes.

[Igreja Viva] Espontaneamente?

[Elisabete] Sim, espontaneamente. Renovamos o sim um ao outro.

[Paulo] Numa situação de maior proximidade, normalmente, quando faz sentido.

[Elisabete] Às vezes paramos e reparamos que ainda não agradecemos ter-nos um ao outro, e fazemos isso.

[Igreja Viva] Ou seja, quando o Papa Francisco fala de renovação dos votos, não

tem que ser necessariamente uma renovação formal...

[Elisabete] Sim. Aliás, o desejável é que o casal mantenha os momentos de comunicação a dois, regulares. Quando falta a comunicação, vão-se acumulando assuntos não falados que pode parecer, inicialmente, que não tem nenhuma importância, mas podem criar uma bola de neve que depois passa a ser um grande cubo de gelo. É preciso construir os pontos de proximidade, sentir a alegria de ocasionalmente voltar a dar o sim um ao outro.

[Paulo] E para derreter o cubo de gelo, às vezes não é precisa muita coisa. Basta um pequeno olhar, uma pequena cumplicidade...

[Elisabete] Um sorriso que fala! O Papa Francisco fala disso na carta aos esposos, que cada um tem necessidade do sorriso um do outro...

[Paulo] Lembro-me que uma vez estávamos desaguados, no contexto de um retiro – portanto estávamos mais a interiorizar, a receber... Mas não estávamos sintonizados na reflexão. Muitas vezes estamos em níveis diferentes. Na eucaristia que se seguiu, bastou dar a mão um ou outro para que tudo desaparecesse. Algo tão simples como isso.

[Igreja Viva] No dia 15, na Semana *Amoris Laetitia*, vão dar o testemunho “Casal e Família”. Que testemunho é esse?

[Elisabete] Não podemos já dizer tudo! (risos)

[Paulo] Estamos a construí-lo no sentido de dar um bocadinho da nossa história como casal e como família, como fomos crescendo e como sentimos que Deus nos juntou, nos chamou a esta santidade e construiu uma história de amor conosco. É a nossa vocação, e tencionamos dar esse testemunho não de forma idílica, não com frases feitas, mas um testemunho sobre como é que vivemos e como é que ultrapassamos algumas dificuldades que temos tido.

[Elisabete] Vamos testemunhar precisamente essas dificuldades, algumas relacionadas com os nossos filhos...

[Paulo] E com a nossa vida profissional, em que houve muita incerteza no início, tivemos muitos desafios e sempre confiamos e,

de repente, sendo de Lisboa e tendo as nossas famílias de origem lá, demos por nós em Braga. Houve grandes passos que tivemos que tomar, tentamos discernir qual era o caminho, e acho que temos escolhido, entre as portas que se entreabrem, temos arriscado abrir a porta e dar um passo.

[Elisabete] Deus abre sempre uma porta, muitas vezes não é a porta que esperamos – a nível profissional, não foi, também não foi com os filhos e a distância entre o nascimento de cada um... O que temos por certo é que o nosso projecto de vida é a dois e mais, que é uma construção de família que queremos que seja santa e apostólica, e o resto vai-se fazendo... Vamos tentando ver os sinais de Deus.

[Igreja Viva] Falou do facto de serem de Lisboa e agora estarem em Braga, e que no início das vossas carreiras tiveram aquela incerteza natural. É uma das fases mais sensíveis para os casais jovens, em que se está a definir o futuro... Como é que se passa essa fase?

[Paulo] O Papa abordou precisamente isso na carta que enviou aos casais. Com tanta incerteza que há, é comum os casais terem medo de dar o passo do matrimónio. A mensagem é uma de esperança no futuro, de confiança de que Deus sempre apoia, e de procurar apoio nas famílias mais alargadas, nas comunidades eclesiais... Não fiquem só nesse passo do medo e avancem, encontrarem caminhos.

[Elisabete] Nós tivemos essa experiência quando eu estava grávida da nossa primeira filha, porque logo a seguir ficamos desempregados. Os dois. Isso foi uma grande prova de fé. Confiamos e logo apareceram apoios das famílias alargadas, e depois alguns empregos, que não eram aquilo que estávamos à espera – com formação base de engenharia química, o Paulo foi dar aulas de informática, eu fui dar aulas de matemática, foi o que apareceu... Tudo se arranjou. A parte material não pode dominar. É importante termos condições para criar uma família, mas não pode de todo ser o essencial, porque vai-nos esmagar. Tal como é importante equilibrar o trabalho com a família.

“A medida que usardes com os outros será usada tam

VII DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Diante do altar, poderá figurar uma balança de pratos.

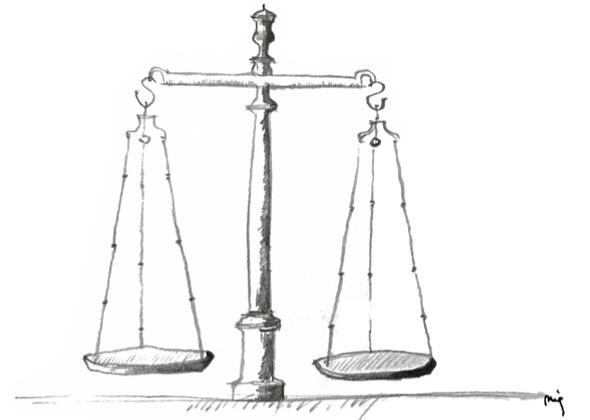


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I | Sam 26, 2.7-9.12-13.22-23

Leitura do Primeiro Livro de Samuel

Naqueles dias, Saul, rei de Israel, pôs-se a caminho e desceu ao deserto de Zif com três mil homens escolhidos de Israel, para irem em busca de David no deserto. David e Abisai penetraram de noite no meio das tropas: Saul estava deitado a dormir no acampamento, com a lança cravada na terra à sua cabeceira; Abner e a sua gente dormia à volta dele. Então Abisai disse a David: “Deus entregou-te hoje nas mãos o teu inimigo. Deixa que de um só golpe eu o crave na terra com a sua lança e não terei de o atingir segunda vez”. Mas David respondeu a Abisai: “Não o mates. Quem poderia estender a mão contra o ungido do Senhor e ficar impune?”. David levou da cabeceira de Saul a lança e o cantil e os dois foram-se embora. Ninguém viu, ninguém soube, ninguém acordou. Todos dormiam, por causa do sono profundo que o Senhor tinha feito cair sobre eles. David passou ao lado oposto e ficou ao longe, no cimo do monte, de sorte que uma grande distância os separava. Então David exclamou: “Aqui está a lança do rei. Um dos servos venha buscá-la. O Senhor retribuirá a cada um segundo a sua justiça e fidelidade. Ele entregou-te hoje nas minhas mãos e eu não quis atentar contra o ungido do Senhor”.

Salmo responsorial

Salmo 102 (103), 1-2.3-4.8.10.12-13 (R. 8a)

Refrão: O Senhor é clemente e cheio de compaixão.

LEITURA II | 1 Cor 15, 45-49

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: O primeiro homem, Adão, foi criado como um ser vivo; o último Adão tornou-se um espírito que dá vida. O primeiro não foi o espiritual, mas o natural; depois é que veio o espiritual. O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; o segundo homem veio do Céu. O homem que veio da terra é o modelo dos homens terrenos; o homem que veio do Céu é o modelo dos homens celestes. E assim como trouxemos em nós a imagem do homem terreno, traremos também em nós a imagem do homem celeste.

EVANGELHO Lc 6, 27-38

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus falou aos seus discípulos, dizendo: “Digo-vos a vós que Me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos injuriam. A quem te bater numa face, apresenta-lhe também a outra; e a quem te levar a capa, deixa-lhe também a túnica. Dá a todo aquele que te pedir e ao que levar o que é teu, não o reclames. Como quereis que os outros vos façam, fazei-lho vós também. Se amais aqueles que vos amam, que agradecimento mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam. Se fazeis bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que agradecimento mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, a fim de receberem outro tanto. Vós, porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca. Então será grande a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom até para os ingratos e os maus. Sede misericordiosos, como o

vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados. Não condeneis e não sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados. Dai e dar-se-vos-á: deitar-vos-ão no regaço uma boa medida, calcada, sacudida, a transbordar. A medida que usardes com os outros será usada também convosco”.

REFLEXÃO

Amar, fazer o bem, abençoar, rezar. Deus propõe esta via da santidade, nas várias situações da vida. Estão activas duas possibilidades: “assim como trouxemos em nós a imagem do homem terreno, traremos também em nós a imagem do homem celeste”.

“A imagem do homem celeste”

Uma comparação, nos versículos anteriores ao trecho deste Domingo, também do capítulo quinze da Primeira Carta aos Coríntios, pode ajudar a nossa reflexão: “O que tu semeias não se torna vivo, se não morrer! E, quando semeias, não semeias o corpo que há de surgir, mas um simples grão” (versículos 36 e 37). Lança-se à terra um grão que se torna caduco, para ressurgir algo glorioso, semeia-se algo débil que se transforma em planta vigorosa. Com este exemplo, percebemos a ressurreição como capacidade de transformação do caduco em glorioso, do homem terreno em homem espiritual ou celeste. Pela adesão a Jesus Cristo, e graças à ação do Espírito Santo, permitimos que, em nós, o terreno se transforme em homem celeste, imagem de Jesus Cristo ressuscitado.

Este processo, ainda que seja relacionado com a morte, começa agora, vive-se no presente. Abandono o homem terreno para viver “a imagem do homem celeste”, quando aceito viver a sério a dinâmica de amor proposta no evangelho: “Amái os

vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos injuriam”. Amar, fazer o bem, abençoar, rezar... incluindo os inimigos.

Um exemplo concreto à maneira do Papa Francisco: “Todos nós provamos simpatias e antipatias, e talvez neste momento estejamos chateados com alguém. Pelo menos digamos ao Senhor: ‘Senhor, estou chateado com este, com aquela. Peço-Vos por ele e por ela’. Rezar pela pessoa com quem estamos irritados é um belo passo rumo ao amor, e é um acto de evangelização. Façamo-lo hoje mesmo. Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!”.

Hoje, a terminar esta ‘série’ sobre o processo sinodal, podemos também aplicar estes ensinamentos à dimensão comunitária. Este episódio é mesmo um belo resumo: começamos com o protagonismo do Espírito Santo, despertamos para a urgência de o ter sempre presente (homem espiritual), para chegar à prática da caridade e do amor aos inimigos, o caminho de perfeição pessoal e comunitário.

Uma Igreja diferente

Vem, Espírito Santo! Vem, Espírito que dá vida, confirma em nós a ‘imagem do homem celeste’! Vem, alento divino, ativa em nós a abundância espiritual! Vem, Espírito Santo, é de que ti que precisamos, “da respiração sempre nova de Deus, que liberta de todo o fechamento, reanima o que está morto, solta as cadeias, espalha a alegria” (Papa Francisco). Aviva em nós as palavras perspicazes do Padre Congar: “Não é preciso fazer outra Igreja; é preciso fazer uma Igreja diferente”. Hoje, eu e tu, todos juntos, podemos fazer uma ‘Igreja diferente’.

Amar, fazer o bem, abençoar, rezar: quatro verbos, também eles sinodais, que nos tornam capazes de fazer uma ‘Igreja

também convosco”



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do Domingo VII do Tempo Comum (*Missal Romano*, 401)

Prefácio e Oração Eucarística: Oração Eucarística V/D com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1175ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Durante esta semana, vamos procurar crescer no amor, sobretudo, para com aquelas pessoas de quem não gostamos tanto; rezemos por uma pessoa que nos ofendeu ou prejudicou.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** *Eu confio, Senhor, na Vossa bondade* – F. Silva

– **Prep. Penitencial:** *Senhor, tende piedade de nós*

– **Ap. Dons:** *Sede perfeitos* – C. Silva

– **Comunhão:** *Se vos amardes* – F. Silva

– **Final:** *Deus é Pai, Deus é Amor* – F. Silva

diferente’. Abertos à novidade de Deus. Com coragem e criatividade.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

O serviço do altar é um exercício de entreaajuda e de auxílio mútuo. Diáconos, Presbíteros, Bispos, Acólitos, MEC, Leitores... estão ao serviço uns dos outros, para que, num único serviço comum a Deus, eles Lhe prestem um culto agradável para Sua glória e salvação da humanidade. Assim, na liturgia, aprendemos a fazer o bem aos outros sem esperar outra recompensa que não seja a que só Deus pode dar.

Leitores

Que importa preparar bem a leitura se depois a voz não projeta o som das palavras ou a sonorização não funciona bem? David teve que se pôr a grande distância de Saul, longe no cimo do monte, para lhe dizer a sua boa vontade. Para isso, teve que bradar para ser escutado. Também o leitor, depois de

preparar bem a leitura, deve certificar-se que tudo está a postos, para que o som da sua voz chegue aos ouvidos do ouvinte.

Ministros Extraordinários da Comunhão

A chamada “regra de ouro” continua a ser um precioso princípio de conduta: “como quereis que os outros vos façam, fazei-lho vós também”. Quando o MEC vai visitar um doente, deverá pensar o quanto ele gostaria também de ser visitado quando estivesse doente, confinado ao seu domicílio ou mesmo ao seu leito. Não basta não fazer o mal, devemos fazer o bem que gostaríamos que os outros nos fizessem.

Músicos

Os ataques de cólera dos músicos são bem conhecidos. Um dia, Bach e o fagotista Geyersbach pegaram-se violentamente por causa das correções feitas por Bach nos ensaios. Não tivessem sido os presentes, a luta teria acabado mal. Por vezes, esquece-se que o talento artístico não dispensa a prática das boas obras e grandeza moral. Como os outros, os artistas também são obrigados primeiro ao mandamento do amor.

Celebrar em comunidade

Evangelho para a vida

A Palavra do Senhor fala-nos do amor incondicional aos outros, especialmente, o amor aos inimigos: “amai os vossos inimigos, fazei bem àqueles que vos odeiam; bendizeis os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos maltratam”. Como posso amar aquele que me odeia, o inimigo? É precisamente a esse que Jesus hoje nos diz para amar. Pois, amar os amigos é fácil, mas amar aqueles de quem não gostamos tanto é difícil. Amar é cuidar e, por isso, talvez precisemos de cuidar da nossa comunidade, vendo cada membro como um hóspede e não como hostil.

Oração Universal

Irmãos e irmãs, oremos ao Pai do Céu, que é misericordioso para com todos, e abramos o nosso coração às dimensões daquela oração que Jesus nos ensinou, suplicando, humildemente:

R. Deus de amor, ajudai-nos a ser misericordiosos.

1. Pela santa Igreja espalhada pelo mundo inteiro, para que, vencendo a tentação de julgar e condenar, manifeste sempre e em tudo o amor misericordioso de Jesus, oremos..
2. Pelos crentes de todas as religiões da terra, para que amem aqueles que os não amam e perdoem àqueles que os perseguem, oremos.
3. Pelos povos e países mais pobres, para que as nações mais poderosas deste mundo respeitem os seus direitos e destinos, oremos.
4. Pelas pessoas violentas, como Saul, e pelas que promovem a paz, como David, para que não se deixem dominar pela vontade de vingança, oremos.
5. Por todos nós que formamos esta assembleia e por todos os que estão envolvidos no processo sinodal, para que, por palavras e por obras, perdoemos e façamos o bem que agrada a Deus, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“A medida que usardes com os outros será usada também convosco”

SÉTIMO DOMINGO
ANO C - 2022

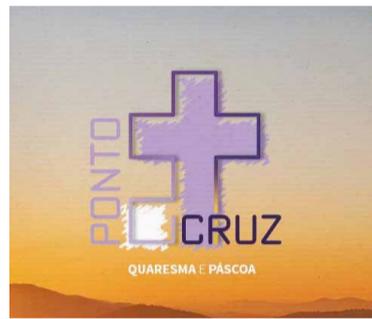


LABORATORIODAFE



CAMINHADA PARA A QUARESMA-PÁSCOA JÁ ESTÁ DISPONÍVEL

A caminhada para o tempo de Quaresma-Páscoa, proposta pelo Departamento para a Liturgia da Arquidiocese de Braga, terá como tema "Ponto Cruz", que englobará "pontos de esforço" pessoais para a conversão no tempo de Quaresma e atitudes comunitárias para a "missão em ponto" durante o tempo pascal.



O Departamento para a Liturgia apresenta hoje, às 21h, o itinerário para todo este tempo litúrgico num Webinar, a partir da página do Facebook e Youtube da Arquidiocese de Braga.

"Esta proposta de caminho espiritual e pastoral nasceu de um processo sinodal da própria Equipa Diocesana que tem a responsabilidade de preparar esta dinâmica. Os conteúdos produzidos, as imagens e os vídeos pretendem ajudar as comunidades cristãs a viverem intensamente este tempo da celebração do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, focadas na Cruz, como ponto central do ca-

minho de conversão e de missão, que configura todo este tempo litúrgico", refere o Departamento. Os responsáveis sublinham que o itinerário, "que também se quer sinodal" trará propostas para a Família, a Liturgia, a Catequese, a Escola e a Juventude e ainda "duas inovações": a mensagem de D. José Cordeiro para os diocesanos e a publicação da caminhada em fascículos, sendo que o "ponto 0", que contém a apresentação global da caminhada, já se encontra disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia, onde pode ser descarregado.

IGREJA DE SENHORA-A-BRANCA ACOLHE MOMENTO DE ORAÇÃO PELA VIDA E VOCAÇÕES

Amanhã, pelas 10h00, a paróquia de S. Victor, em Braga, acolhe um Momento de Oração pela Vida e Vocações, na Igreja de Senhora-a-Branca.

Este é mais um dos muitos encontros de oração mensais promovidos pelo Departamento Arquidiocesano para a Pastoral Vocacional em colaboração com a zona pastoral da cidade e Este do Arciprestado de Braga, que, ao longo de todo o ano pastoral, percorrem as paróquias envolvidas. Estes momentos têm procurado

promover o "encontro com Cristo Jesus, revelação plena da Caridade divina" e interpelar a comunidade, chamada pelo baptismo à fundamental e universal vocação à Santidade, assim como promover momentos propícios à oração pelas vocações específicas, como a do matrimónio, a do sacerdócio ministerial e a de vida consagrada em geral, ou também, mais genericamente, vocações a ministérios laicais ligados aos carismas recebidos, explica a Pastoral Vocacional.

12 FEV
SÉ CATEDRAL DE BRAGA
TOMADA DE POSSE DE D. JOSÉ CORDEIRO
15H45

13 FEV
SÉ CATEDRAL DE BRAGA
INÍCIO DO MINISTÉRIO PASTORAL
15H30

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO **10%** Desconto*

LIVRO DA SEMANA
20€

APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA
GONÇALO M. TAVARES

Aprender a Rezar na Era da Técnica conta a história de um cirurgião, Lenz Buchmann, que abandona a medicina para se dedicar à política. Tem a ilusão de poder salvar muitas pessoas ao mesmo tempo, em vez de salvar uma pessoa, de cada vez, no seu acto médico.

Compre online em www.livrariadm.pt

* Na entrega deste cupão.
Campanha válida de 10 a 16 de Fevereiro de 2022.

